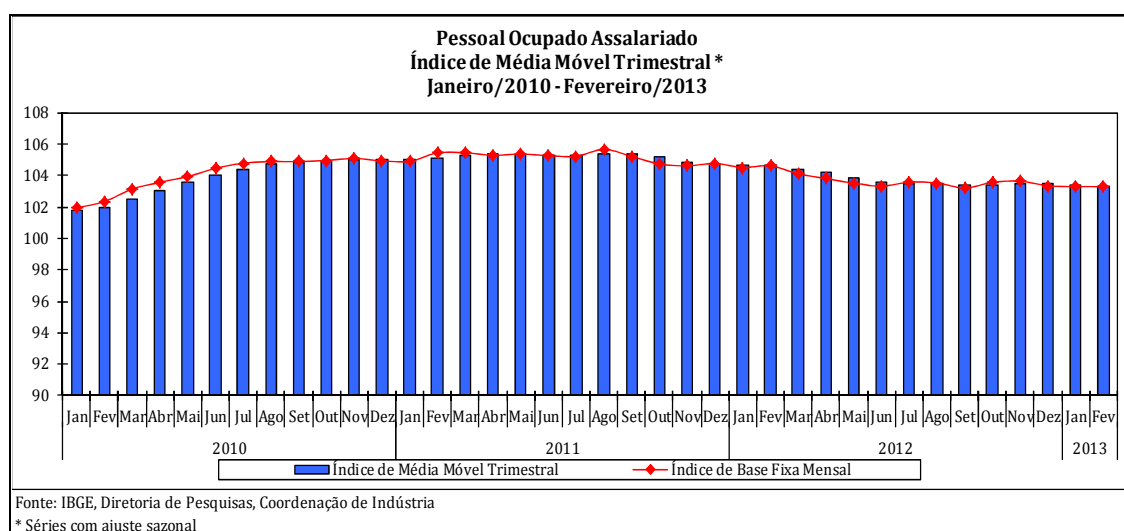


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em fevereiro de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação nula (0,0%) frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após registrar variação negativa de 0,3% em dezembro e ficar estável em janeiro último. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,1% no trimestre encerrado em fevereiro frente ao nível do mês anterior e permaneceu com o comportamento de estabilidade presente desde julho do ano passado.



O emprego industrial mostrou recuo de 1,2% no índice mensal de fevereiro de 2013, décimo sétimo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto, repetindo a taxa negativa observada em janeiro último. No índice acumulado para o primeiro bimestre de 2013, o total do pessoal ocupado na indústria recuou 1,2% e manteve o ritmo de queda assinalado no último trimestre de 2012 (-1,2%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,4% em janeiro para -1,5% em fevereiro de 2013, prosseguiu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (3,9%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 1,2% em fevereiro de 2013, com o contingente de trabalhadores

apontando redução em dez dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado na Região Nordeste (-5,3%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas em treze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de alimentos e bebidas (-8,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-21,7%), calçados e couro (-4,8%), vestuário (-3,9%), indústrias extrativas (-10,1%) e têxtil (-5,3%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por São Paulo (-1,0%), Rio Grande do Sul (-3,1%), Pernambuco (-10,5%) e Bahia (-4,4%), com o primeiro influenciado em grande parte pelas quedas verificadas nos setores de produtos têxteis (-11,3%), de meios de transporte (-4,0%), de outros produtos da indústria de transformação (-8,6%), de calçados e couro (-9,3%), de produtos de metal (-3,2%), de vestuário (-3,6%) e de papel e gráfica (-2,2%); o segundo por conta das perdas registradas em calçados e couro (-7,2%), máquinas e equipamentos (-5,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,5%), vestuário (-16,7%), borracha e plástico (-7,5%), têxtil (-15,1%) e meios de transporte (-2,7%); o terceiro pressionado especialmente pelo setor de alimentos e bebidas (-19,3%); e, o último, em função principalmente do recuo observado em calçados e couro (-19,5%). Por outro lado, Paraná (1,4%) apontou a contribuição positiva mais relevante sobre o emprego industrial do país, impulsionado em grande parte pelos setores de alimentos e bebidas (2,3%), têxtil (17,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,3%), outros produtos da indústria de transformação (4,3%) e produtos químicos (6,9%).

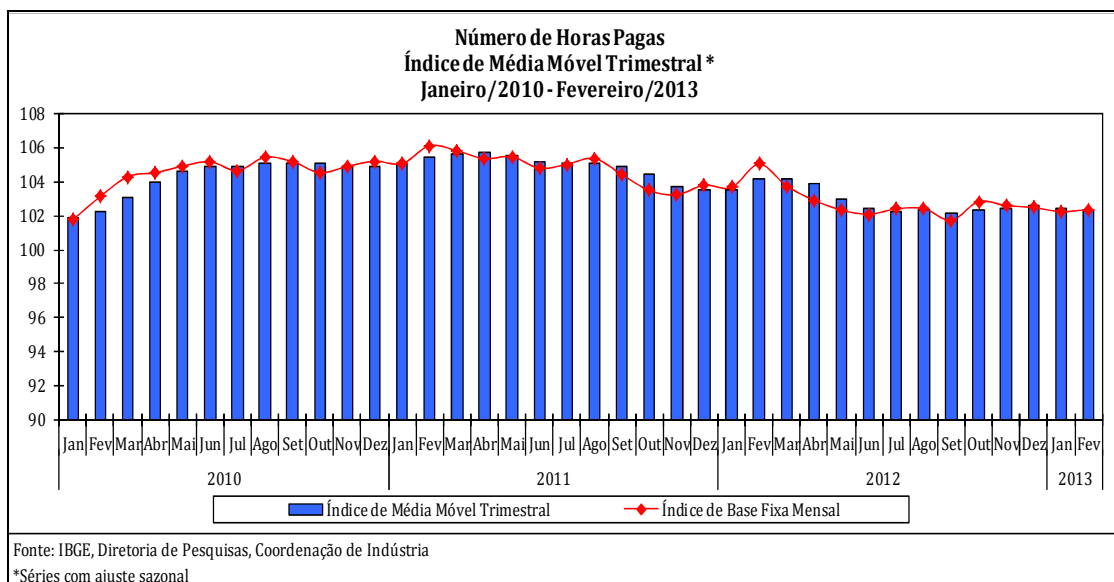
Setorialmente, ainda no índice mensal, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em onze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de vestuário (-6,3%), têxtil (-6,0%), calçados e couro (-5,2%), outros produtos da indústria de transformação (-4,1%), madeira (-5,1%), meios de transporte (-1,3%) e refino de petróleo e produção de álcool (-5,0%). Por outro lado, os principais impactos

positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de alimentos e bebidas (0,7%) e de borracha e plástico (2,7%).

No índice acumulado do primeiro bimestre do ano, o emprego industrial mostrou queda de 1,2%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em onze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Região Nordeste (-5,0%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir São Paulo (-1,0%), Rio Grande do Sul (-3,1%), Pernambuco (-9,5%) e Bahia (-4,3%). Por outro lado, Paraná (1,7%) exerceu a pressão positiva mais importante no acumulado dos dois primeiros meses do ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de vestuário (-6,8%), têxtil (-5,7%), calçados e couro (-4,3%), outros produtos da indústria de transformação (-4,1%), meios de transporte (-1,7%) e madeira (-5,4%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (1,1%) e de borracha e plástica (2,7%) responderam pelas principais influências positivas.

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

Em fevereiro de 2013, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou variação positiva de 0,1% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar três taxas negativas consecutivas, período em que acumulou perda de 0,6%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, ao apontar variação negativa de 0,1% na passagem dos trimestres encerrados em janeiro e fevereiro, permaneceu apontando resultados próximos à estabilidade, o que ocorre desde julho de 2012 (-0,2%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas mostrou, em fevereiro de 2013 (-2,3%), a décima oitava taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto e a mais intensa desde setembro de 2012 (-2,6%). No índice acumulado no primeiro bimestre de 2013, o número de horas pagas na indústria recuou 1,8% e acelerou o ritmo de queda frente ao resultado do último trimestre de 2012 (-1,1%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 2,0% em fevereiro de 2013, manteve a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

Em fevereiro de 2013, o número de horas pagas recuou 2,3% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em doze dos quatorze locais e em doze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de vestuário (-7,6%), calçados e couro (-9,1%), têxtil (-6,8%), outros produtos da indústria de transformação (-5,3%), meios de transporte (-3,1%), máquinas e equipamentos (-2,6%), papel e gráfica (-2,8%) e madeira (-5,8%). Em sentido contrário, o setor de borracha e plástico (1,4%) assinalou o principal resultado positivo nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, a Região Nordeste (-6,6%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionada em grande parte pela redução no número de horas

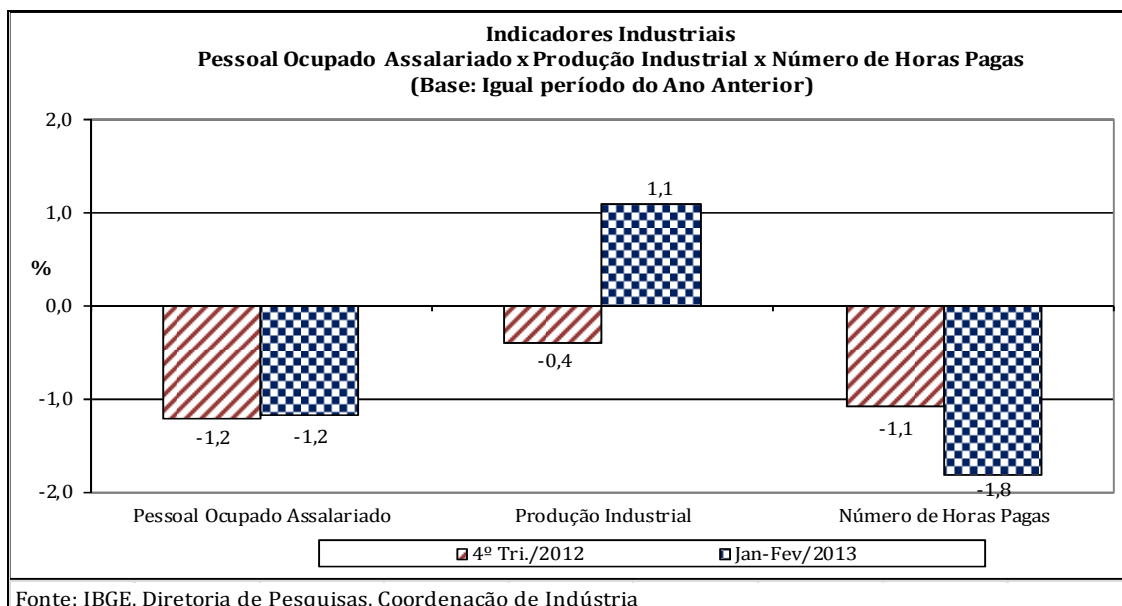
pagas nos setores de alimentos e bebidas (-8,6%), calçados e couro (-7,6%), refino de petróleo e produção de álcool (-19,6%), vestuário (-5,0%), minerais não-metálicos (-5,6%), indústrias extrativas (-10,0%) e outros produtos da indústria de transformação (-9,7%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por São Paulo (-2,2%), por conta dos recuos vindos de meios de transporte (-7,2%), produtos de metal (-8,5%), têxtil (-11,1%), calçados e couro (-18,9%), outros produtos da indústria de transformação (-10,6%) e vestuário (-4,3%); Rio Grande do Sul (-4,9%), devido, sobretudo, à retração verificada em calçados e couro (-10,6%), máquinas e equipamentos (-7,4%), borracha e plástico (-10,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,6%), vestuário (-19,9%) e têxtil (-15,8%); Pernambuco (-10,7%), explicado pelo menor número de horas trabalhadas nos setores de alimentos e bebidas (-17,2%) e de borracha e plástico (-25,8%); e Bahia (-7,2%), em função, principalmente, dos recuos registrados em calçados e couro (-24,1%) e de máquinas e equipamentos (-20,3%). Por outro lado, Paraná (0,9%) exerceu a única contribuição positiva no total do número de horas pagas, impulsionado, em grande parte, pela expansão vinda dos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (16,7%), têxtil (18,2%), outros produtos da indústria de transformação (6,5%) e produtos químicos (9,0%).

No índice acumulado no primeiro bimestre de 2013 houve recuo de 1,8% no número de horas pagas, com doze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de vestuário (-7,7%), calçados e couro (-7,4%), outros produtos da indústria de transformação (-5,3%), têxtil (-5,6%), máquinas e equipamentos (-2,8%), meios de transporte (-2,0%), papel e gráfica (-2,8%) e madeira (-6,1%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (1,0%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, onze dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 5,2% registrado pela Região Nordeste, vindo a seguir as perdas verificadas em São Paulo (-1,6%), Rio

Grande do Sul (-4,6%), Pernambuco (-9,0%), Bahia (-5,3%) e Região Norte e Centro-Oeste (-1,5%). Em contrapartida, Paraná (1,3%) e Minas Gerais (0,2%) assinalaram as taxas positivas nos dois primeiros meses de 2013.

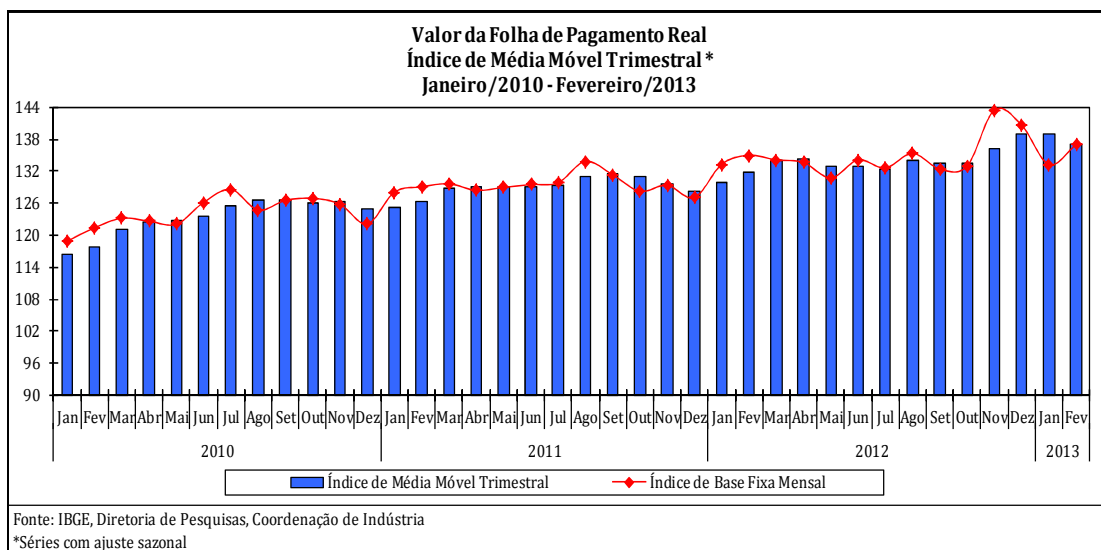
Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria, em fevereiro de 2013, permaneceram com o comportamento de menor intensidade na comparação com o mês imediatamente anterior, já que o emprego industrial ficou estável pelo segundo mês consecutivo, e o número de horas pagas apontou variação positiva de 0,1% em fevereiro, após acumular perda de 0,6% em três meses seguidos de queda. Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse momento de menor intensidade do mercado de trabalho na indústria, já que nesse indicador as duas variáveis estão praticamente estáveis desde julho do ano passado.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria permaneceram em fevereiro de 2013 assinalando taxas negativas nesse tipo de confronto, com o primeiro apontando o décimo sétimo recuo consecutivo, e o segundo a perda mais intensa desde setembro do ano passado. Vale destacar que, ao contrário do que foi observado na produção industrial, que passou de uma variação negativa de 0,4% no último trimestre do ano passado para uma expansão de 1,1% no primeiro bimestre de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas prosseguiram nesse início de ano com o comportamento negativo registrado nos últimos três meses de 2012.



#### FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em fevereiro de 2013, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente cresceu 2,8%, após recuar por dois meses consecutivos, período em que acumulou perda de 7,1%. Vale destacar que no resultado desse mês tanto o setor extrativo (10,5%), influenciado especialmente pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em várias empresas do setor, como a indústria de transformação (1,7%) apontaram taxas positivas. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral assinalou recuo de 1,5% na passagem dos trimestres encerrados em janeiro e fevereiro e interrompeu quatro meses de resultados positivos consecutivos que acumularam ganho de 4,2%.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 2,5% em fevereiro de 2013, trigésimo oitavo resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação. No índice acumulado no primeiro bimestre de 2013, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 1,6%, mas reduziu o ritmo de expansão frente ao resultado do último trimestre de 2012 (7,5%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,8% em fevereiro de 2013, apontou redução na intensidade do crescimento frente aos resultados de dezembro (4,4%) e de janeiro (4,1%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 2,5% em fevereiro de 2013, com resultados positivos em dez dos quatorze locais investigados. As maiores influências positivas sobre o total nacional foram verificadas em São Paulo (1,7%), Região Norte e Centro-Oeste (8,5%), Minas Gerais (4,6%), Rio de Janeiro (4,5%), Paraná (4,1%) e Santa Catarina (3,5%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram: papel e gráfica (12,7%), produtos químicos (6,6%) e alimentos e bebidas (3,3%); indústrias extrativas (28,5%) e alimentos e bebidas (7,5%); meios de transporte (19,9%), alimentos e bebidas (13,8%) e papel e gráfica (28,4%); indústrias extrativas (6,2%) e máquinas e equipamentos (28,8%); máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e



de comunicações (27,8%), alimentos e bebidas (3,7%), outros produtos da indústria de transformação (10,9%) e produtos químicos (12,4%); e máquinas e equipamentos (18,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (15,1%) e borracha e plástico (11,4%). Em sentido contrário, as principais influências negativas vieram da Região Nordeste (-2,3%) e da Bahia (-5,0%), pressionadas, em grande parte, pelas reduções em produtos químicos (-12,0%), alimentos e bebidas (-3,3%) e calçados e couro (-6,1%), no primeiro local, e produtos químicos (-23,5%), calçados e couro (-19,4%) e máquinas e equipamentos (-21,7%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice mensal de fevereiro de 2013, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em onze dos dezoito setores investigados, com destaque para indústrias extrativas (8,2%), alimentos e bebidas (4,3%), papel e gráfica (6,9%), máquinas e equipamentos (2,7%), produtos químicos (3,7%), borracha e plástico (5,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (3,4%) e meios de transporte (0,8%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram observados em metalurgia básica (-3,8%), vestuário (-5,1%) e têxtil (-3,3%).

No índice acumulado no primeiro bimestre de 2013, o valor da folha de pagamento real avançou 1,6%, com taxas positivas em onze dos quatorze locais pesquisados. As maiores contribuições positivas sobre o total da indústria vieram do Rio de Janeiro (5,7%) e da Região Norte e Centro-Oeste (5,7%), impulsionados, principalmente, pelo aumento no valor da folha de pagamento real das indústrias extrativas (8,4%), de máquinas e equipamentos (23,4%) e de borracha e plástico (24,8%), no primeiro local, e indústrias extrativas (23,9%) e de alimentos e bebidas (7,3%), no segundo. Vale mencionar também as contribuições vindas de Minas Gerais (1,7%), Rio Grande do Sul (2,0%), São Paulo (0,4%), Santa Catarina (2,6%) e Paraná (1,9%). Nestes locais, as atividades que mais influenciaram positivamente foram, respectivamente, alimentos e bebidas (14,8%), papel e gráfica (19,0%) e minerais não-metálicos (7,3%); alimentos e bebidas (14,5%), produtos de metal (11,5%) e fumo (17,0%); produtos químicos (5,9%), alimentos e bebidas (3,9%), papel e gráfica (5,9%) e borracha e plástico (5,9%); máquinas e

equipamentos (7,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (11,7%) e borracha e plástico (10,2%); e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (22,7%), produtos químicos (12,8%) e outros produtos da indústria de transformação (9,8%). Em sentido contrário, as principais influências negativas vieram da Bahia (-2,6%) e da Região Nordeste (-0,8%) pressionadas, em grande parte, pelas reduções em produtos químicos (-9,7%), calçados e couro (-15,2%) e máquinas e equipamentos (-20,0%), no primeiro local, e produtos químicos (-3,0%), calçados e couro (-3,2%) e alimentos e bebidas (-1,0%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em onze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,6%), indústrias extrativas (7,4%), produtos químicos (4,8%), borracha e plástico (6,0%), máquinas e equipamentos (2,0%), papel e gráfica (3,2%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (2,8%). Por outro lado, os setores de metalurgia básica (-6,4%), meios de transporte (-1,9%) e vestuário (-5,7%) exerceram as influências negativas mais relevantes sobre o total nacional.